



ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRAS DE HOJE

Studies and debates in linguistics, literature and Portuguese language

Letras de hoje Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 144-151, maio.-ago. 2021
e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2021.2.41816>

EDITORIAL

O conto brasileiro contemporâneo de autoria feminina¹

The contemporary brazilian short story of female authorship

El cuento brasileño contemporáneo de la autoría femenina

Carlos Alexandre

Baumgarten²

orcid.org/0000-0001-5760-9114

carlos.baumgarten@pucrs.br

Helena Bonito Couto

Pereira³

orcid.org/0000-0002-1642-5447

helena.pereira@mackenzie.br

Recebido em: 22 set. 2021.

Aprovado em: 22 set. 2021.

Publicado em: 9 nov. 2021.

A literatura brasileira contemporânea reserva boas surpresas aos apreciadores das narrativas curtas. Vem ocorrendo uma inédita ampliação no interior do texto, com a incorporação de novos temas, em que se exteriorizam inquietações de escritores e escritoras, em meio às turbulências socioeconômicas e sanitárias. Inédita é a visibilidade conquistada no campo da autoria por um contingente significativo de escritoras que rompem o circuito de autores majoritariamente brancos, de classe média, oriundos de ambientes propícios ao cultivo das letras, os quais detiveram o monopólio de nossos espaços literários, compreendendo todos os gêneros, subgêneros ou modalidades de escrita literária. Essas escritoras fazem parte dos novos grupos que afluem ao campo ampliado das publicações impressas e on-line. Tais inclusões não teriam sido possíveis sem o reconhecimento das qualidades estéticas e temático-ideológicas presentes nas produções ficcionais de pessoas diferentes entre si tanto no que diz respeito à origem, à condição socioeconômica, à condição sexual, à etnia e outras características que constituíam impeditivos à sua entrada em espaços restritos e, de modo geral, discriminatórios. A visibilidade recentemente conquistada decorreu de numerosos fatores, entre os quais as possibilidades de divulgação oferecidas pelas mídias e o barateamento dos custos editoriais, com o conseqüente surgimento de editoras alternativas em todo o país, assegurando o acesso à literatura por parte de públicos amplos e diversificados. No contexto da sociedade globalizada e pós-colonial, registra-se o advento de novas e insistentes vozes que se fazem ouvir, muitas delas com justificável estridência. Como indica a proposta deste dossiê, sobressaem hoje vozes femininas, que expressam olhares inquietos e expectativas insuspeitas.

Ao longo de nossa história literária, a presença feminina despontou timidamente. Considerando como marco inicial da contemporaneidade as décadas finais do século passado, Clarice Lispector, Lygia Fagundes



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ A organização do presente dossiê da *Letras de Hoje* contou, também, com a participação da Dra. Aimée Teresa González Bolaños, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e professora adjunta da University of Ottawa, Canadá.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

³ Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

Telles e Nélida Piñón são os nomes de destaque, tanto na produção de contos como de romances. Praticamente predecessora, Lygia Fagundes Telles já havia publicado contos em *O cacto vermelho* e *Praia viva*, na década de 1940, e persistiu no gênero, ao longo dos anos, alcançando mais de uma dezena de livros com narrativas curtas. Nos anos 1960, Clarice Lispector publicou *Laços de família*, a que se sucederam outros seis volumes de contos, ao passo que Nélida Piñón, despontando no gênero com *Tempo das frutas*, prolongou sua produção contística até tempos relativamente recentes, com *A camisa do marido*, de 2014.

É indiscutível, historicamente, o predomínio da escrita masculina no que tange ao conto, como aos demais gêneros literários. A coletânea que se tornou sucesso editorial nos anos 1970, *O conto brasileiro contemporâneo*, organizada por Alfredo Bosi, apresenta 24 contos de 15 escritores, dentre os quais apenas seis contos resultam de autoria feminina – não por acaso – das três escritoras já mencionadas. Como observa Bosi, os temas dos contos podem ser submetidos a diferentes registros: realista documental, realista crítico, intimista na esfera do eu (memorialista), intimista na esfera do Id (onírico, visionário, fantástico), ou ainda experimental no trabalho linguístico. Um breve exame da produção das três escritoras demonstra, talvez previsivelmente, o predomínio do registro intimista, com manifestações de outros registros, como o fantástico em Lygia e o experimental em Clarice Lispector, esboçando-se, em linhas gerais, os traços da escrita de autoria feminina até os anos 1970, apenas eventualmente voltada ao realismo documental ou crítico.

A modesta presença de escritoras (para dizer o mínimo) é representativa da produção de narrativas curtas entre nós, quadro que pouco se alterou, se observado do ponto de vista da historiografia sistematizada pelos historiadores que compuseram nossa literatura nos decênios finais do século passado. Ao lado de Alfredo Bosi, Massaud Moisés e Luciana Stegagno Picchio⁴ formaram, conscientemente ou não, um cânone quase todo de autoria

masculina, compatível com a produção literária veiculada até então. Em 2012, viria somar-se a esse conjunto a *História da literatura brasileira*. Da carta de Caminha aos contemporâneos, de Carlos Nejar, sem alterar o quadro geral quanto à limitadíssima presença da autoria feminina.

A título de ilustração, e estabelecendo o início deste estudo na produção dos anos 1970, observa-se que as quatro histórias literárias em questão reportam a produção literária de 71 prosadores, com comentários ou apenas breves menções, e sem distinção entre romance e conto. Constam desse conjunto não mais que oito escritoras. Há presenças indiscutíveis, seja pelo valor artístico que se manifesta em plenitude, como em Clarice Lispector, seja pela aguda recriação de personagens comuns em meio urbano em Lygia Fagundes Telles, ambas obtiveram ampla repercussão junto ao público leitor e nas mídias da época.

Dentre os historiadores literários, apenas Luciana Picchio destaca prosadoras (e também poetas) de períodos mais recentes. No 16º capítulo de sua obra, "1964-1996: Dos anos do golpe ao fim do século" inseriu tópicos com "A escrita das mulheres" e "Poetas mulheres". Retoma a escrita de autoria feminina desde os anos 1930, com Raquel de Queirós, posteriormente com Dinah Silveira de Queirós, refere-se à produção ficcional de Elisa Lispector, a irmã – também escritora – de Clarice (esta última ocupa espaço à parte, em capítulo anterior) e se refere a Maria Alice Barroso e Zélia Gattai nos anos 1960 a 1980, embora os informes, sucintos, se restrinjam à escrita de romances. Menciona escritoras consagradas nas demais obras historiográficas, como Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñón e Ana Miranda e ainda destaca novas personagens no campo das letras, em especial Marina Colasanti. Entretanto, a caminhada rumo à conquista de um espaço próprio, a partir do qual as vozes femininas pudessem finalmente alcançar esferas mais amplas, passou a intensificar-se progressiva e irreversivelmente.

Como a historiografia literária mais consistente não possibilita melhor visualização da presença

⁴ Primeiras edições: Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira* (1970); Massaud Moisés, *História da literatura brasileira* (1984-1987) e Luciana Stegagno Picchio, *História da literatura brasileira* (1996).

feminina desde o alvorecer deste século, outras fontes podem apontar para a contínua alteração do quadro até aqui apresentado, como as coletâneas, as premiações e os eventos literários.

Três coletâneas foram responsáveis por fazer aflorar maior interesse pelo conto, no final do século passado e início deste: *Geração 90. Manuscritos de computador* (2001), *Geração 90. Os transgressores* (2003), e *Geração zero zero. Fricções em rede* (2011), todas organizadas por Nelson de Oliveira. Embora houvesse uma proposta inicial bastante ambiciosa, no sentido de renovar a narrativa curta, por meio do experimentalismo e em oposição à escrita tradicional, tal feito não chegou a concretizar-se plenamente. Os autores dos contos, jovens sintonizados com a mídia digital e outras mídias, não conseguiram desenvolver propostas radicalmente inovadoras; apenas alguns deles alcançaram o patamar esperado. Por ocasião da publicação dos dois volumes de *Geração 90*, houve uma polêmica entre tradição e experimentalismo, o que não deixou de contribuir para um debate profícuo sobre a literatura brasileira do último decênio do século.

Retornando, nesse contexto, à escrita de autoria feminina, constata-se nas coletâneas, como na história literária, sua lenta progressão nos espaços ficcionais. O primeiro volume contou apenas com Cíntia Moscovich, a quem o organizador se refere, em um subtítulo de sua apresentação, como "Uma dama e 16 cavalheiros do Apocalipse". Não se estranhava, na época – nem tão distante assim –, a desproporção entre gêneros. O segundo volume trouxe contos de Simone Campos, Luci Collin e Ivana Arruda Leite e, finalmente, em *Geração zero zero* apresentam-se Andréa del Fuego, Maria Alzira Brum Lemos, Ana Paula Maia e Carola Saavedra.

Vale ainda um acréscimo, específico para marcar a relevância do conto brasileiro contemporâneo: em 2012, a edição em português do número 9 da conceituada revista *Granta* apresentou uma seleção de 20 novos contistas brasileiros, dentre os quais comparecem sete escritoras: Laura Erber, Luisa Geisler, Vanessa Barbara, Carol Bensimon,

Carola Saavedra e Tatiana Salem Levy. Consolidada-se aos poucos a presença feminina, porém ainda restrita a escritoras de origem e condição semelhante às dos escritores: brancas, de classe média, oriundas de ambientes propícios às letras, e mais: residentes nos grandes centros urbanos (São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre), com formação universitária e inserção em atividades culturais ou artísticas, em redações de jornais e revistas ou em editoras. Observa-se a diversidade de gênero, mas ainda sem a necessária abertura para vozes femininas representantes das minorias raciais ou das classes menos favorecidas.

Para detectar ou confirmar o avanço da presença de escritoras no nosso panorama literário, e ante a possibilidade de – finalmente – visualizar a situação de nossas contistas, outras ações vêm complementar este relato: as premiações e as feiras ou festas literárias.

Uma pesquisa informal, restrita ao período de 1990 em diante, revela que as premiações literárias, como o Prêmio Jabuti, criado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) em 1959, aos poucos aumentaram a participação feminina. O número de contemplados (as) varia um pouco, ora com a apresentação dos três primeiros classificados, ora incluindo dois ou três sem classificação e, eventualmente, inserindo a "menção honrosa". Na categoria "contos e crônicas", entre 1990 e 2014, foram premiadas apenas nove escritoras, em meio a mais de 50 escritores. Finalmente, em 2015 estiveram entre as três melhores classificações duas escritoras, Carol Rodrigues e Conceição Evaristo. Nos dois anos seguintes, o 1º lugar na categoria "conto" foi atribuído a escritoras, respectivamente Natália Polesso e Verônica Stigger. Já nos três últimos anos ocorreu uma mudança na divulgação, encontrando-se no *site* do Prêmio Jabuti,⁵ apenas os primeiros lugares, atribuídos sucessivamente a três escritoras: Maria Fernanda E. Maglio, Vilma Arêas e Carla Bessa. Vale ressaltar que, ao que tudo indica, apenas Conceição Evaristo superou condições adversas para se tornar a grande escritora, hoje amplamente reconhecida, e seu exemplo

⁵ Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao>. Acesso em: 20 ago. 2021.

tem sido inspirador para outras escritoras que despontam no cenário literário. Não seria difícil comprovar movimento semelhante, de valorização da escrita feminina, em outras premiações, como o Prêmio Oceanos e o Prêmio São Paulo.

Além da publicidade resultante das premiações, a divulgação e a recepção da literatura brasileira alcançaram novo patamar, com a criação e multiplicação das "festas" ou "feiras" literárias, como se observa facilmente nos respectivos *sites*, em que consta o histórico de palestras, lançamentos de livros, performances e outras atividades, que têm o mérito de ocorrer em cidades distantes dos centros irradiadores, quase monopolizadores, de literatura e cultura.

Infelizmente, a pandemia obrigou a um verdadeiro retrocesso, limitando-se os eventos, temporariamente, a apresentações on-line. De todo modo, é gratificante reconhecer que está em curso uma bem-vinda subversão, ou pelo menos uma relativa correção de discrepâncias históricas. Que se estenda às vozes femininas caladas anteriormente, e às demais vozes que devem ecoar em nosso meio literário e cultural.

O quadro histórico aqui brevemente elaborado, que marca a gradativa ascensão qualitativa e quantitativa de escritoras brasileiras voltadas para o exercício da narrativa curta, foi o elemento motivador da propositura do presente dossiê de *Letras de Hoje*, que se apresenta organizada em duas seções: a primeira, dedicada aos trabalhos situados no âmbito do dossiê, contempla vinte ensaios; a segunda, uma seção livre, traz artigo construído fora do referido âmbito.

O trabalho que abre o dossiê é "Minificção em *Escribas*: um projeto narrativo autoral", de Aimée Bolaños. Poeta, contista e ensaísta cubana naturalizada brasileira, Bolaños desenvolve reflexão teórica sobre poética e autopoética relacionadas à minificção, considerada como categoria textual de natureza transgenérica. O ensaio, vinculado a projeto autoral, promove a análise da obra *Escribas* (2013), a partir de ampla bibliografia sobre a minificção. Mais do que isso, tal exame é atravessado por uma série de outros conceitos, como os relativos à autoficção, à literatura e à identidade

migrantes (Pierre Ouellet), ao de vidas imaginárias (Marcel Schwob) e ao de identidade narrativa (Paul Ricoeur). O resultado alcançado é uma instigante reflexão sobre o processo de criação literária, através de uma forma narrativa (miniconto/minificção) produto da pós-modernidade.

Na sequência, Ana Cláudia Munari e Kelin Camila Beilke analisam a obra de Monique Revillion, poeta, dramaturga e contista sulina, através do exame de contos constantes em *Teresa, que esperava as uvas* (2006) e *O Deus dos insetos* (2013). O interesse das autoras repousa sobre a representação da infância na produção de Revillion, como indicia o título do trabalho: "A infância na obra de Monique Revillion". Valendo-se dos conceitos de infância e de memória, tal como são concebidos social e literariamente, Munari e Beilke selecionam as narrativas que apresentam personagens crianças em suas ações. Nesse sentido, privilegiam aquelas que revelam uma relação íntima entre infância e violência, em que esta última é percebida, no dizer das articulistas, como "um subtema recorrente nas narrativas". A trajetória realizada aponta não só para a pluralidade de experiências da infância presente na obra da contista, como permite às ensaístas a formulação do conceito de "não infância".

Em "O conto autoficcional de Veronica Stigger", Bruna Ferraz examina três contos de Stigger, contista, romancista e ensaísta gaúcha, cuja obra já mereceu premiações, como: Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional (2013), Prêmio São Paulo de Literatura e Prêmio Açorianos – Narrativa Longa, ambos de 2014. Ferraz elege para análise três contos: "O livro", publicado em *Sombrio Ermo Turvo* (2019), e "Imagem verdadeira" e "200m²" que integram *Os anões* (2010). O trabalho realizado por Ferraz objetiva mostrar que, a partir de um exercício paródico da autoficção, a contista inventa "vidas inusitadas para si para mostrar que tudo é ficção". Nesse esforço analítico, a autora lança mão de um aporte teórico apoiado, predominantemente, nos estudos de Vincent Colonna a respeito da autoficção, e nos trabalhos de Umberto Eco presentes, especialmente, em *Sobre o espelho e outros ensaios*, de 1985.

Carlos Roberto dos Santos Menezes, em "A vida que falhava: o drama trágico em 'Feliz aniversário', de Clarice Lispector", recupera a tradição teórico-crítica sobre o drama trágico para analisar o conto clariceano com o propósito de associar a narrativa da contista brasileira ao modelo concebido pelos poetas trágicos da Antiguidade. Nesse sentido, faz uso das contribuições de Ronaldes de Melo e Souza presentes em *Fenomenologia das emoções da tragédia grega* (2017), que são contrapostas ao conceito de drama trágico constante da *Poética*, de Aristóteles.

"Dissonância no conto brasileiro contemporâneo de autoria feminina: escrituragem nos contos de Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009)", de Dênis Moura de Quadros, promove a leitura de contos da escritora pelotense também conhecida como Helena do Sul, educadora, poeta, contista, ensaísta, autora, dentre outras, das seguintes obras: *É fogo* (1987), *Meu nome pessoa: três momentos de poesia* (1989), *O sol de fevereiro* (1991), *Odara: fantasia e realidade* (1993) e *Negrada* (1994). Quadros elege para análise quatro contos: "Rondas" e "Filosofia da farofa", de *O sol de fevereiro*, e "Iniciação" e "Barro duro do Laranjal", de *Odara: fantasia e realidade*, que são examinados à luz de conceitos propostos, entre outros, por Ana Rita Santiago, Spivak, Grada Kilomba e Conceição Evaristo.

Eliane Campello escolhe, em "O segredo de Conceição Evaristo em 'Fios de ouro' e em 'O sagrado pão dos filhos'", a obra da contista mineira como objeto de estudo, considerando duas narrativas curtas constantes de *Histórias de leves enganos e parencas* (2016). Partindo do pressuposto de que as narrativas de Evaristo têm como temas o segredo e o mistério relacionados à afro-brasilidade, Campello se vale de um conjunto de conceitos, como os de interseccionalidade, empoderamento e ancestralidade, para promover a leitura das narrativas selecionadas para análise. Nesse sentido, ancorada nas propostas teóricas de Carla Akotirene, Djamilia Ribeiro, Joice Berth, Lélia González, entre outras, a autora estabelece seu objetivo principal: "expandir suas [dos contos] fronteiras via as intersecções com raça, gênero, classe Le cultura".

"'Tua mão na minha', de Eloí Bocheco: fantasia e imaginação no conto contemporâneo de autoria feminina para crianças", de autoria de Fabiano Tadeu Grazioli, Rosemar Eurico Coenga e Anna Maria Ribeiro F. M. da Costa, é o único ensaio do presente dossiê que examina produção voltada para o público infantil. Nesse sentido, os autores escolhem para estudo narrativa de autoria da catarinense Eloí Bocheco, cronista, poeta e autora de literatura infantil, com o objetivo de afirmar a importância da fantasia e da imaginação como elementos constitutivos do texto "Tua mão na minha". Nessa perspectiva, apoiam-se em Charles Kiefer (2004) a respeito do conto, em Nelly Novaes Coelho, Marta Morais da Costa, Vera Teixeira de Aguiar e Regina Zilberman, sobre a literatura infantil, em Diana Lichtenstein Corso, Mario Corso e Bruno Bettelheim, em seus estudos sobre as relações entre literatura infantil e psicanálise.

Franciane Conceição da Silva e Yve Almeida Leão propõem, em "Análise da categoria violência de gênero" na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, o estudo de dois contos da referida obra: "Aramides Florença" e "Shirley Paixão". A leitura proposta organiza-se a partir da consideração de duas categorias: a violência de gênero e a do poder exercido pelos homens sobre as mulheres. Com esse objetivo, as autoras utilizam como fundamentação teórica os conceitos propostos por Pierre Bourdieu e por Heleieth Saffioti, especialmente naqueles aspectos que dizem respeito às categorias escolhidas para análise.

"Personagens lésbicas da Natália Polesso: um *space-off* no outro lugar" é o trabalho apresentado por Larissa Dias e Mauro Dunder, que analisam dois contos de Natália Borges Polesso, contista, romancista e ensaísta gaúcha, cuja obra já foi contemplada com o Prêmio Açorianos (2013) na categoria contos e com o Prêmio Jabuti (2016), na mesma categoria. As narrativas "flor, flores, ferro retorcido" e "as tias" são examinadas a partir da utilização dos conceitos de "*space-off*" e "outro lugar" propostos por Tereza de Lauretis, de "*continuum* lésbico", desenvolvido por Adrienne Rich, e de "subalternidade", segundo o estabelecido por Gayatri Spivak. O trabalho, a partir da leitura

dos referidos contos, objetiva mostrar como se processa na obra de Polesso a afirmação de um discurso em que a lesbianidade encontra seu espaço ao contrapor-se a um discurso heteronormativo e patriarcal socialmente hegemônico.

Luciana Pimenta, Luísa Consentino de Araújo, Maria Luíza Simplicio Rodrigues e Yanca Abreu Câmara assinam o texto "A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura poético-corporal-negra em *Olhos d'água*", em que buscam mostrar como a "escrevivência" proposta por Evaristo configura-se "como performance de uma corporalidade negra, marcada por traumas e cicatrizes herdados de uma cultura de colonização escravocrata", no dizer das autoras. Mais do que isso, a leitura de *Olhos d'água* (2014) permite às autoras afirmar o caráter subversivo assumido pela "escrevivência" que, ao contrapor-se a uma perspectiva eurocêntrica, configura-se como uma estratégia político-discursiva de resistência, uma vez que "promove a desconstrução de imagens e alteração dos lugares reservados aos corpos negros".

"Cidade, vampiros e identidade: uma leitura de 'A noite não me deixa dormir', de Camila Fernandes" é o trabalho proposto por Márcio Roberto Pereira e Ana Paula Vicente Carneiro, com o objetivo de analisar narrativa de autoria de Camila Fernandes, escritora e tradutora, autora, entre outras obras, de *Contos sombrios* (2017). A leitura da narrativa de Fernandes vem apoiada nas teses de Ricardo Piglia sobre o conto, bem como no conceito de "permutabilidade do tema", tal como proposto por Juliana Porto Chacon Humphreys. Além disso, os autores se valem de Stuart Hall para refletir sobre a fragmentação da identidade do sujeito na pós-modernidade, e de Zigmunt Bauman no que diz respeito às relações sexuais conturbadas exploradas pela narrativa de Fernandes.

Maria Eunice Moreira e Amanda da Silva Oliveira são as autoras de "'Corpo-história': corporeidade e escritura em *Insubmissas lágrimas de mulheres*", de Conceição Evaristo. No exame da obra de Evaristo, o artigo parte da constatação de que a obra, constituída por contos intitulados todos eles por nomes femininos, volta sua atenção para

os temas que dizem respeito ao corpo feminino e sua violação. Nessa perspectiva, o objetivo do trabalho, segundo as ensaístas, "é analisar as temáticas de corpo e de escritura, a partir das vivências-contos das mulheres-títulos", uma vez que entendem "que o corpo da experiência vivida se transforma [na obra de Conceição Evaristo] em matéria de narração, num processo de identificação e de autodefinição da mulher negra.

"Helena Parente Cunha e Lucilene Machado: duas experiências de narrativas do corpo feminino no conto brasileiro contemporâneo", de Marta Francisco de Oliveira e Márcia de Lima, realiza a leitura dos contos "O pai" e "Novembro em poucas cores", a partir dos quais promove a aproximação entre os textos de Helena Parente Cunha, poeta, contista, romancista e ensaísta baiana, e de Lucilene Machado Garcia Arf, contista, poeta e ensaísta paranaense. O artigo, que tem como objetivo o exame de, no dizer das autoras, "narrativas do corpo feminino", constrói uma trajetória que leva em consideração as relações entre tempo e narrativa, com ênfase "no processo de escrita e nos sentidos do texto e da autoria".

Pauline Champagnat, em "Conceição Evaristo: a contadora de histórias", realiza o estudo três textos da contista mineira: "Mansões e puxadinhos", "O sagrado pão dos filhos" e "A moça do vestido amarelo", todos eles pertencentes à obra *Contos de leves enganos e parecenças*, de 2017. A autora, além de ressaltar a importância assumida pela oralidade na obra de Evaristo, volta sua atenção para questões como as que dizem respeito às denúncias das injustiças, à representação da resistência e à ancestralidade afro-brasileira presentes nas narrativas examinadas. Tal exercício hermenêutico é desenvolvido a partir dos conceitos de "memórias subterrâneas", de Michael Pollak, e de "resiliência", segundo o proposto por Euridice de Figueiredo.

Em "Arte contemporânea do conto – notas para um ensaio", Reginaldo Pujol Filho aborda a obra de Veronica Stigger, a partir da consideração de dois livros da contista, *Os anões* (2010) e *Sul* (2016) e, particularmente de dois contos: "Imagem verdadeira" e "A verdade sobre o coração dos homens".

Situado no campo dos estudos a respeito das relações entre literatura e artes visuais, o texto de Reginaldo Pujol vale-se de propostas vinculadas ao neoconcretismo brasileiro, como também daquelas manifestadas na obra do norte-americano Donald Judd e, especialmente, das vinculadas às obras dos brasileiros Hélio Oiticica e Lygia Clark, para a leitura que empreende da narrativa de Stigger.

"Feminidad disidente, maternidad no normativa y familias nocivas en 'La camisa del marido', de Nélida Piñon", texto assinado por Richard Leonardo-Loayza, parte do princípio de que o texto de Piñon realiza uma representação da figura feminina que contraria a perspectiva tradicional, responsável pela construção de mulheres cujas marcas essenciais são a dependência e a passividade. Nesse sentido, o conto de Piñon, segundo o autor, apresenta uma personagem feminina capaz de refletir sobre seu lugar no mundo e de superar os limites que lhe são socialmente impostos, suplantando, inclusive, as normas sociais que a maternidade costuma impor à mulher. A análise da narrativa aponta, ainda, para a problematização da nocividade que marca as relações familiares, sobretudo daquelas em que se fazem ausentes o afeto e a harmonia entre os integrantes do grupo familiar.

Roberta dos Santos, Yago Eloí e Luciana de Mesquita Silva são os autores de "Masculinidades negras no espelho: reflexões sobre os contos 'Afrodisíaco' e 'Memórias', de Cristiane Sobral". Cristiane Sobral, nascida no Rio de Janeiro, é poeta, contista, ensaísta e dramaturga com forte participação na cena teatral de Brasília; participou, ainda, da publicação coletiva *Cadernos Negros* e é autora da obra *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*, de 2011, de onde foram escolhidos os contos para análise. Os autores, ao se aproximarem dos contos de Sobral, registram que a literatura negra de autoria feminina tem, via de regra, se colocado na contramão das estruturas hegemônicas brancas, patriarcais e LGBTQIfóbicas. Esse seria o caso dos contos de Sobral que, além de renovarem o conto brasileiro de autoria feminina, aprofundam o questionamento dos estereótipos e estigmatizações que são imputados aos corpos masculinos negros.

A produção de Henriette Effenberger, contista, cronista, romancista e poeta nascida em Bragança Paulista (SP), é o objeto de estudo de Sebastião Bonifácio Junior que, em "Sexualidade feminina e religiosidade ocidental: uma análise dos contos 'Pai nosso' e 'Redenção', de Henriette Effenberger", analisa as relações entre liberdade sexual e repressão da sexualidade feminina como aspectos decorrentes das proibições impostas pelas religiões cristãs. No desenvolvimento de seu ensaio, Bonifácio Junior recorre, entre outras, às seguintes fontes teóricas: *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*, de Rachel Soihet, *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu, e *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir.

Sinéia Silveira e Carla de Quadros, em seu trabalho, focalizam a obra de Augusta Faro, escritora goiana, poeta, contista e autora de obras para o público infantil. Faro, que possui obras traduzidas para o alemão, o inglês e o espanhol, recebeu, em 1998, o Prêmio UBE – Rio de Janeiro pelo volume de contos *A friagem*. O artigo "A gaiola", de Augusta Faro: (des)enclausuramento do feminino no cenário doméstico", analisa o conto "A gaiola", de Faro, a partir de uma estética de gênero que oportuniza a reflexão a respeito da condição feminina relacionada à violência de gênero. Nesse sentido, o aporte teórico utilizado pelas autoras assume uma dupla direção: uma primeira, orientada para o exame da narrativa curta, em que são utilizadas as contribuições de Julio Cortázar, Ricardo Piglia, Nádia Battella Gotlib e Wayne C. Booth; uma segunda, voltada para as questões de gênero, em que são invocadas as seguintes autoras: Betty Friedan, Simone de Beauvoir e Heleieth Saffioti.

O dossiê sobre o conto brasileiro contemporâneo de autoria feminina é encerrado com a contribuição de Vanessa Massoni da Rocha e Luciely da Silva, com o artigo "Uma trilha para libertação de outros: o (não-) pertencimento em contos de Conceição Evaristo". Em seu trabalho, as autoras privilegiam a análise de três contos de Evaristo constantes de *Olhos d'água* (2014): "Duzu-Querença", "O cooper de Cida" e "Ei, Ardoca". No exame dos contos, são salientadas,

entre outras, questões vinculadas ao racismo, ao silenciamento, ao anonimato e ao suicídio a que estão submetidos os sujeitos negros. Concebido a partir de uma perspectiva decolonial e de reflexões sobre o feminismo negro, o trabalho vem apoiado em contribuições teóricas de Carla Akotirene, Grada Kilomba, Djamilia Ribeiro, Aimé Césaire, Achille Mbembe e Regina Dalcastagné.

Por fim, o presente número de *Letras de Hoje*, em sua seção livre, apresenta o artigo "Dois poemas da concreta Maria do Carmo Ferreira", de Monalisa Medrado Bomfim. A autora, que tem por objetivo "fornecer à poeta o reconhecimento histórico que cabe a ela", desenvolve a análise de dois poemas: "As parcas" e "De mim pra mins". Nesse sentido, para afirmar a importância de Maria do Carmo Ferreira no plano da produção poética concretista, Bomfim registra, entre outros aspectos, o fato de a poeta haver publicado entre os concretos na revista *Invenções 5*. Vale-se, igualmente, da obra *Mística feminina*, de Betty Friedan, no exame dos poemas, objetivando mostrar que "a poeta tinha consciência dos cercos que a inviabilizaram e que era por meio de sua poética que buscava transcendê-los".

Referências

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. Modernismo. São Paulo: Cultrix, 2019. v. 3.
- NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Da Carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya; MinC – Fundação Biblioteca Nacional, 2011.
- OLIVEIRA, Nelson de. (org.). *Geração 90*. Manuscritos de computador. São Paulo: Boitempo, 2001.
- OLIVEIRA, Nelson de. (org.). *Geração 90*. Os transgressores. São Paulo: Boitempo, 2003.
- OLIVEIRA, Nelson de. (org.). *Geração zero zero*. Fricções em rede. São Paulo: Língua Geral, 2011.
- OS MELHORES jovens escritores brasileiros. *Granta*, Rio de Janeiro, n. 9, set. 2012.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao>. Acesso em: 25 ago. 2021.

Carlos Alexandre Baumgarten

Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor adjunto na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Helena Bonito Couto Pereira

Doutora em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Pós-doutorado pela Universidade da Califórnia em Riverside, EUA. Professora titular e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em São Paulo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Carlos Alexandre Baumgarten
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681, Prédio 8
Partenon, 90619900
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.